

## DESIGUALDADES GEOGRÁFICAS: TERRITÓRIOS DE GLOBALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

*Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar prá o Dragão cortar madeira e toda mata derrubar: se a floresta meu amigo tivesse pé prá andar eu garanto meu amigo, com perigo não tinha ficado lá (Vital Farias)*

*João Marcio Palheta da Silva<sup>1</sup>*

### *I - Transformações territoriais*

Pensar o impacto provocado pela globalização da economia nos territórios nacionais, torna-se cada vez mais um desafio para os cientistas sociais quando analisamos, através dos processos de materialização dos atores econômicos em escalas diferenciadas, as diferentes sociedades e de que formas essas sociedades são inseridas nesses processos de globalização da economia mundial.

Dessa forma, não se pode pensar a sociedade global sem levar em consideração certas particularidades históricas e culturais nas escalas regionais e nacionais. Porém, a criação de redes técnicas (telefone, fax, redes telemáticas-informáticas) que darão origens à novas redes produtivas, “motores da globalização”, realiza a integração total. Na economia globalizada<sup>2</sup>, a competitividade torna-se uma exigência do capitalismo, onde esta vai definir a posição das empresas e países na economia mundial.

A globalização não atinge somente a economia, mas também aspectos sócio-político-culturais. Nesse sentido, pode-se dizer que a globalização atinge a sociedade de forma desigual, mas como um todo (Ianni, 1992). Dessa forma, mudanças nos estilos de vida, de modo geral, ressurgem como questões culturais, recriando modos de agir, pensar e viver a sociedade global. A diversidade cultural implica em se pensar um mundo onde há a influência de uns sobre os outros, criando-se conflitos.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Geografia/UFGA; Mestre em Planejamento do Desenvolvimento da Amazônia, PLADES/NAEA/UFGA, Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB Seção Belém e Doutorando pela FCTUNESP, campus de Presidente Prudente, SP.

<sup>2</sup> Para SASSEN, a globalização econômica é, na verdade, uma transformação central na organização da atividade econômica territorial e institucional, como também do poder político-econômico. SASSEN, Saskia. “Território e Territorialidade na Economia Global”. In: BARROSO, J. R. (org.). *Globalização e Identidade Nacional*. São Paulo: Atlas 1999.

Globalização, no sentido econômico, envolve contradições no campo sócio-econômico-político-cultural, de acordo com os interesses que agem em escala mundial. A globalização trouxe à tona questões do passado, que são interpretadas de modos diferentes, caracterizando o desenvolvimento do capitalismo e o dinamismo das relações realizadas no mercado mundial.

Para as ciências sociais, a sociedade global é estudada de maneira comparativa, em seus aspectos sócio-econômico-político-cultural e a organização das condições materiais processadas por esses aspectos no desenvolvimento local.

O mundo mudou, e com ele, a sociedade. As relações e processos não são mais os mesmos. As ciências sociais enfrentaram uma nova formação de sociedade, interpretada em seu âmbito global e que, ao mesmo tempo, apresenta contradições sócio-econômico-políticas, definindo novas perspectivas, que vão além da escala local e nacional.

A chamada comunicação global alcança, através dos meios de comunicação, uma velocidade inédita na história do capitalismo. As informações chegam mais rapidamente em escala mundial, interconectando o planeta, fazendo com que, através, principalmente da televisão, houvesse uma mudança de comportamento dos indivíduos e um maior contato com as formas de ser, agir e pensar de outras culturas.

A globalização apresenta contradições no que diz respeito à sua atuação na sociedade, de forma desigual, tanto nas escalas nacionais, como globais em termos de relações de produção de capital, o que define a funcionalidade dos espaços de acordo com as potencialidades dos territórios.

O avanço do capitalismo internacional reforçou a globalização, criando uma relação de interdependência entre as sociedades. Com a globalização, podemos dizer que, hoje, não há nenhum canto do planeta no qual os seres humanos não tenham se transformado ou sejam passíveis de transformação.

Dessa forma, a redefinição das territorialidades dos circuitos produtivos condicionou a redefinição do papel das economias locais onde, pode-se afirmar, que com as transformações das relações internacionais para se atingir, ou pelo menos, tentar acompanhar o desenvolvimento sócio-econômico, torna-se necessário criar estratégias para enfrentar as modificações impostas pelas novas relações capitalistas em escala global.

A globalização, ao criar novas possibilidades de transformação da sociedade, aumenta também o antagonismo entre a multiplicação da riqueza para determinadas nações e o empobrecimento de outras, que não conseguem acompanhar, no mesmo ritmo, o avanço daquelas.

O empobrecimento de certas nações não quer dizer que o capitalismo, com a globalização, esteja entrando em crise total, e sim que, quem não consegue acompanhar o ritmo das transformações, seja no sentido político-econômico ou cultural, acaba, em certos setores, sendo desinteressante para o processo de globalização e deixando de ser nesse momento, segundo a ideologia capitalista de produção, um espaço potencial para a economia global.

Nesse sentido, a globalização atinge a formação de centros de decisões em escala internacional, na tentativa de anular possibilidades de estratégia nacional, mas não eliminando o Estado-nação. Dessa forma, a globalização tenta fazer com que os projetos nacionais só atinjam sua viabilidade se contemplassem as determinações externas, ou seja, globais, de maneira competitiva, tentando eliminar a hegemonia do Estado-nação, fazendo-o diminuir sua influência sobre os espaço econômico nacional.

A sociedade global é um conjunto complexo, que envolve países, povos, culturas, religiões, etc. Essa diversidade se formou ao longo do século XX como um fenômeno que modificou e acelerou as relações entre as sociedades, criando oportunidades e riscos dentro de uma economia de mercado, tornando diferente os modos de vida das pessoas em geral.

## *II - A Amazônia no contexto da globalização*

Dentro do contexto apresentado, podemos levantar questões no que diz respeito à conjuntura internacional e aos interesses inerentes à economia relacionados com a potencialidade do espaço da região amazônica: por outro lado, as contradições do modelo de organização da produção, que tenta equiparar a organização territorial em diferentes escalas, não permite que a globalização se configure de forma igualitária dentro do sistema sócio-econômico. Assim, a Amazônia se insere como um espaço da expansão da economia mundial, no qual se viabilizaria a acumulação do capital a partir da exploração de seus recursos, tornando-a, cada vez mais, um espaço econômico-ecológico.

Regiões como a Amazônia foram definidas por Bunker (1984) como de economias extrativas. No contexto da acumulação flexível e da redefinição da potencialidade dos espaço econômicos, regiões como a Amazônia, devem continuar como regiões fornecedoras de matéria prima. O que deverá mudar é o ritmo e a intensidade de exploração dos seus recursos naturais.

Logo, tem-se a propagação de um novo estilo de vida, de uma nova

forma de consumo na maneira de produzir e de viver. Dessa forma, a Amazônia é vista como uma das últimas fronteiras da expansão do capitalismo, tanto na tentativa de combinar o interesse da sociedade global de preservar a Amazônia como o seu processo de ocupação econômica para o capital internacional, debate que tem sido acentuado nos últimos anos, porém pouco se tem feito para criar estratégias de desenvolvimento sócio-econômico e preservação da sociedade amazônica.

Assim, o significado da Amazônia, na globalização, acarretará também maneiras diferenciadas de formas de viver, de produzir, de pensar e de valoração dos recursos naturais, bem como das condições de desenvolvimento sócio-econômico de sua sociedade.

Dessa forma, penso a Amazônia enquanto recurso para a economia global tomando como base os ciclos econômicos a começar pelo ciclo da borracha, que impulsionou o *desbravamento da floresta, do povoamento do território, da urbanização dos principais centros e da construção das redes de transporte* (Singer, 1994, p. 168), o que ligava a economia da região diretamente ao mercado internacional; só em 1912, a articulação entre a economia da região e o mercado internacional entraram em crise *devido a articulação do Extremo Oriente no comércio da borracha* (Singer, 1994, p. 168).

Em substituição à borracha, surgiram outras atividades, com tendência monoexportadora, que permitiram à região competir economicamente, oferecendo vantagens comparativas de produtos amazônicos, seguida de instabilidade no mercado internacional.

A Amazônia, tida como uma das últimas fronteiras símbolo da economia mundial, no processo de acumulação do capital, no qual se tem a possibilidade de transformação dos ecossistemas e o desenvolvimento dos sistemas sociais, passou a ser para muitos grupos econômicos como última reserva biológica e patrimônio da sociedade global, colocando-nos diante de dois fatores: (a) como podemos dividir, na Amazônia, os espaços que podem ser utilizados como via de desenvolvimento?; (b) quais as áreas que poderiam ser preservadas levando em consideração os interesses da sociedade local?

Dentro da interpretação ecológica, a Amazônia vem sendo uma região em que se pode aproveitar seus recursos naturais para trazer benefício aos seres humanos em todas as escalas, sejam elas mundial, nacional, regional ou local, porém sua forma de apropriação é questionável quando nos referimos sobre para quem será realmente os benefícios.

De maneira genérica, podemos dizer que a Amazônia, para a

economia global, sempre esteve como um dos últimos recursos nos processos de acumulação, tentando valorizar o espaço amazônico através dos ciclos econômicos e de outros tipos de planejamentos, que fracassaram economicamente causando danos ecológicos (Singer, 1994). Exemplos disso são os chamados grandes projetos, como a Hidrelétrica de Tucuruí, o manganês do Amapá com a Icomi, o projeto Jari e o mais dinâmico deles na minha concepção (por abrigar a maior reserva mineral do planeta) como é o caso do Projeto Ferro Carajás da Companhia Vale do Rio Doce, privatizada em 1997, com ligação direta com a economia internacional, que entram em divergências quando nos referimos aos tipos de extrativismo utilizados por esses meios e os da sociedade local, como os ribeirinhos e dos indígenas, que praticavam um extrativismo sustentável na região.

A Amazônia, dentro do contexto globalizante da economia mundial, é colocada na impossibilidade de transformação dos ecossistemas como sistemas sustentáveis economicamente. Diante da natureza intocada pelos seres humanos, levanta-se a questão sobre a preservação das espécies, em que a humanidade fosse mais prioritária como *objeto de preservação do que outras espécies* (Singer, 1994, p. 172).

Dessa forma, Singer (1994) afirma que as multinacionais da biotecnologia não são as únicas a colocar em ameaça a realidade sócio-ambiental da região, mas também grandes fazendeiros, agricultores, garimpeiros, e outras atividades menores, em que toda a riqueza da biodiversidade colocadas em risco e que tem valor potencial no mercado presente ou futuro, na qual deveria oferecer à população atividades sócio-econômicas e não predatórias.

A globalização transformou culturalmente a vida das pessoas. Em qualquer parte do mundo pode-se ter acesso a costumes de outros povos (como os povos da floresta), fazendo com que a gente repense em nossas próprias crenças ou reacendendo antigas. Contraditoriamente, é encontrada na paisagem cotidiana, a superposição de elementos modernos e tradicionais. Assim, na Amazônia, onde o desenvolvimento capitalista não atingiu ao mesmo tempo todas as áreas e setores da economia, pode-se observar a existência de locais como Eldorado dos Carajás - um dos municípios mais pobres do estado do Pará e do Brasil - que, em meio a barracos com cobertura de plástico, encontra-se antenas parabólicas, noticiando a presença da globalização e seu inerente paradoxo.

III - Para não concluir

A grande questão amazônica refere-se à sua gestão enquanto mediadora das variáveis econômica, social e política do território em um novo modelo, que envolve relações diferenciadas no espaço geográfico em diferentes escalas e interesses, e que viabilizassem recursos de preservação e exploração, tanto da sociodiversidade como da biodiversidade, dentro de um sistema de apropriação de fontes energéticas não renováveis e também de outros recursos.

Podemos nos perguntar novamente como todos esses fatos inserem a Amazônia num contexto global; e por que a tão sonhada fonte de recursos para a humanidade, no modelo capitalista de acumulação, não tem levado em consideração a sociedade local, criando um modelo de exclusão de uma parte dessa sociedade; e qual a perspectiva amazônica diante da crescente globalização da economia mundial, enfim como estão articuladas as sociedades de acordo com as suas diversidade e tensões fazendo com que as formas regionais e nacionais continuem a subsistir.

Pensar a globalização na Amazônia, diante da forma como acontece em áreas mais desenvolvidas do sistema capitalista, parece ainda ser um desafio, principalmente para os amazônidas, quando se leva em consideração os antagonismos existentes no território amazônico, em que encontramos algumas áreas com ligação direta com o sistema mundial, no que se refere à economia, enquanto outras parecem ainda permanecer em completo atraso quando comparadas com as primeiras.

#### IV - Bibliografia

- BENKO, G. *Economia Espaço e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1996
- CADERNOS DO NAEA. *Colonização, Desenvolvimento e Modelos Econômicos*. Belém: NAEA, 1977, n.04.
- CADERNOS DO NAEA. *Instrumentos para Invenção da Amazônia*. Belém: NAEA, 1978, n.05.
- COELHO, M. C. N., COTA, R. G. *Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás*. Belém: NAEA, 1997.
- COELHO, M. C. N. "Desenvolvimento Sustentável, Economia Política do Meio Ambiente e a Problemática Ecológica da Amazônia". In: D'INCAO, M. A., SILVEIRA, I. M. (orgs.) *Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: MPEG, 1994, p.381-386.
- COELHO, M. C. N. *Socio-Economic Impacts of the Carajás Railroad in Maranhão - Brazil*. Syracuse (USA): Syracuse University, 1991. (Tese de Doutorado)

- D'ARAÚJO, M. C. *Amazônia e Desenvolvimento à Luz das Políticas Governamentais: a experiência dos 50 anos*. RBCS, ANPOCS, n 19, ano 7, jun/92.
- D'INCAO, A., SILVEIRA, I. M. da. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: MPEG, 1994.
- HALL, L. A. *Amazônia: Desenvolvimento Para Quem?* Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- HURTIENNE, T. "O que Significa a Amazônia para a Sociedade Global?" In: D'INCAO, M. A., SILVEIRA, I. M. (Orgs.). *Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: MPEG, 1994, p.155-158.
- IANNI, O. *A Sociedade Global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.
- LIMA, I. G. *Fragmentação Política e Território em Carajás*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. (Dissertação de Mestrado)
- MACHADO, L. O. A Geopolítica do Poder Local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. In: *Anais do 3º Simposio Nacional de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: AGB, 1993, p. 83-88.
- MACHADO, L. O. *Mitos e Realidade da Amazônia Brasileira no Contexto Geopolítico Internacional (1540-1912)*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1989. (Tese de Doutorado)
- SANTOS, B. A. *Amazônia: potencial e perspectivas de desenvolvimento*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- SILVA, J. M. P. da. *A Organização do Espaço no Sudeste do Para: área sob a influência da estrada de ferro Carajás*. Belém: FIPAM/NAEA/UFPA, 1996. (Monografia de Especialização).
- SILVA, J. M. P. da. *Globalização*. (Paper apresentado junto a coordenação do curso de mestrado na disciplina Teoria Sociológica). PLADES/NAEA/UFPA, 1996.
- SILVA, K. S. S. da. *Mineração de Ferro e Complexos Industriais: as perspectivas do Projeto Ferro*
- SINGER, P. "Amazônia na Sociedade Global". In: D'INCAO, A., SILVEIRA, I. M. da. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: MPEG, 1994. (P.167-174).